Horizontes das
Ciências Sociais Rurais 2

Leonardo Tullio
(Organizador)

Atena Editora
Ano 2019

Leonardo Tullio
(Organizador)

Horizontes das Ciências Sociais Rurais 2

Atena Editora
2019

2019 *by Atena Editora*
Copyright © da Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves
Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall'Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant'Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

H811 Horizontes das ciências sociais rurais 2 [recurso eletrônico] / Organizador Leonardo Tullio. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Horizontes das Ciências Sociais Rurais; v. 2)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-131-2
DOI 10.22533/at.ed.312191802

1. Agronegócio. 2. Pesquisa agrícola – Brasil. I. Tullio, Leonardo. II. Série.

CDD 630.72

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019
Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.
www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste segundo volume, apresentamos 19 trabalhos que discutem sobre a percepção, processos e estratégias de estudos direcionados a compreender as pessoas em relação ao produto desenvolvido. São artigos recentes que demostram pontos a serem observados sobre o empreendimento para o seu sucesso.

Conhecer a percepção dos produtos por parte do consumidor é uma estratégia fundamental no agronegócio. Contribuir para o desenvolvimento rural sustentável, aplicando conhecimento das ciências sociais é a proposta destes trabalhos.

Espero que a leitura desses artigos contribua para o seu conhecimento.

Aproveite ao máximo as reflexões e os resultados deste volume.

Leonardo Tullio

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 1

SEGURANÇA DOS ALIMENTOS E MARCAS DE CERTIFICAÇÃO: CONTRIBUTOS PARA A SUSTENTABILIDADE DA CADEIA PRODUTIVA DA ERVA-MATE DO RIO GRANDE DO SUL

Kelly Lissandra Bruch
Adriana Carvalho Pinto Vieira

DOI 10.22533/at.ed.3121918021

CAPÍTULO 2 23

OS FATORES DE INFLUENCIA NO COMPORTAMENTO DE COMPRA DOS CONSUMIDORES DA FEIRA LIVRE DE SANTA ROSA/RS

Carlos Thomé
Dionéia Dalcin
Lidiane Kasper

DOI 10.22533/at.ed.3121918022

CAPÍTULO 3 43

PERCEPÇÕES DO CONSUMIDOR SOBRE O SELO DE IDENTIFICAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR (SIPAF): O CASO DA FEIRA DO PRODUTOR RURAL EM ASSIS/SP

Mara Elena Bereta de Godoi Pereira
Silvia Cristina Vieira Gomes
Liliane Ubeda Morandi Rotoli
Ana Elisa Bressan Smith Lourenzani
João Guilherme de Camargo Ferraz Machado

DOI 10.22533/at.ed.3121918023

CAPÍTULO 4 59

FUSÕES E AQUISIÇÕES NO SETOR DE CELULOSE E PAPEL E SUAS IMPLICAÇÕES SOBRE O DESEMPENHO FINANCEIRO

Paulo Henrique de Lima Siqueira

DOI 10.22533/at.ed.3121918024

CAPÍTULO 5 75

APRENDIZ DO CAMPO: ESTIMULANDO A SUCESSÃO RURAL ATRAVÉS DO COOPERATIVISMO NO MUNICÍPIO DE TEUTÔNIA - RS

Mirian Fabiane Strate
Maitê Luize Schumann

DOI 10.22533/at.ed.3121918025

CAPÍTULO 6 88

APL DE FLORES DA SERRA DA IBIAPABA NO CEARÁ: ESTRUTURA DE GOVERNANÇA, PROCESSOS DE APRENDIZADO E INOVAÇÃO

Luis André Aragão Frota
Elda Fontinele Tahim
Sefisa Quixadá Bezerra
Anne Graça de Sousa Andrade

DOI 10.22533/at.ed.3121918026

CAPÍTULO 7 104

MARCA: ANÁLISE DAS ESPECIFICIDADES NO SEGMENTO DE REDES DE CAFETERIAS

Jaqueline Carolino
Patrícia Pereira Peralta
Sergio Medeiros Paulino de Carvalho
Vera Lucia de Souza Pinheiro

DOI 10.22533/at.ed.3121918027

CAPÍTULO 8 119

ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DOS ARTIGOS DE PESQUISADORES DA REDESIST

José Maria Cardoso Sacramento
Glauco Schultz

DOI 10.22533/at.ed.3121918028

CAPÍTULO 9 136

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E A PRODUÇÃO DE BIOCOMBUSTÍVEIS: UMA ALTERNATIVA À PRODUÇÃO DE FUMO?

Marcos Vinicius Dalagostini Bidarte
Ana Monteiro Costa

DOI 10.22533/at.ed.3121918029

CAPÍTULO 10 151

BIOCOMBUSTÍVEIS COMO UMA ALTERNATIVA SUSTENTÁVEL À PRODUÇÃO DE FUMO: UMA ANÁLISE DOS PROJETOS PROTOCOLADOS PELA AFUBRA

Marcos Vinicius Dalagostini Bidarte
Ana Monteiro Costa

DOI 10.22533/at.ed.31219180210

CAPÍTULO 11 165

POLÍTICAS PÚBLICAS DE EXTENSÃO RURAL NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: AVANÇOS E DESAFIOS À CONSTRUÇÃO DO DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL NOS ESTADOS DE MINAS GERAIS E MATO GROSSO

José Roberto Rambo
Raphael Fernando Diniz
Antonio Nivaldo Hespanhol
Antonio Lázaro Sant´Ana

DOI 10.22533/at.ed.31219180211

CAPÍTULO 12 183

PROCESSO DE CERTIFICAÇÃO NO SETOR SUCROENERGÉTICO: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DO PROTOCOLO AGROAMBIENTAL

Edenis Cesar de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.31219180212

CAPÍTULO 13 201

PRODUÇÃO DE SOJA NO MATO GROSSO: UMA ANÁLISE SOBRE A TEORIA DA LOCALIZAÇÃO

Eliane Veltrudes Zanata Benedito da Silva
Francislaine Darienzo Alves
Rosicley Nicolao de Siqueira
Rubia Araújo Coelho
Mamadu Lamarana Bari

DOI 10.22533/at.ed.31219180213

CAPÍTULO 14 217

COMPRA DE PRODUTOS AGROECOLÓGICOS: A ENTREGA DE CESTAS COMO PRÁTICA DE MERCADO DE CIRCUITO CURTO

Eliane Veltrudes Zanata Benedito da Silva
Francislaine Darienzo Alves
Rosicley Nicolao de Siqueira
Rubia Araújo Coelho
Mamadu Lamarana Bari
Tatiana Aparecida Balem
Ethyene de Oliveira Alves
Walesca Piovesan Winch
Guilherme dos Santos Schmelig

DOI 10.22533/at.ed.31219180214

CAPÍTULO 15 238

VANTAGENS COMPARATIVAS PRODUTIVAS E COMPETITIVIDADE DOS ESTADOS DA REGIÃO NORDESTE

Luiza Maria Marinho
Adonias Vidal de Medeiros Júnior
Meire Eugênia Duarte
Gerlânia Maria Rocha Sousa
Fábio Lúcio Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.31219180215

CAPÍTULO 16 254

ADOÇÃO DE ESTRATÉGIAS EM ESTABELECIMENTOS RURAIS EM JOAÍMA, MG: PROBLEMAS E PERSPECTIVAS

Múcio Tosta Gonçalves
Laila Ferreira dos Santos Araújo

DOI 10.22533/at.ed.31219180216

CAPÍTULO 17 270

TERRITÓRIOS POTIGUARES INDUZIDOS PELAS POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL RURAL: UMA DISCUSSÃO DOS RESULTADOS SOCIOECONÔMICOS

Clesio Marcelino de Jesus
Vinícius Rodrigues Vieira Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.31219180217

CAPÍTULO 18 289

ARROZ DO LITORAL NORTE GAÚCHO: A EXPERIÊNCIA DA PRIMEIRA DENOMINAÇÃO DE ORIGEM BRASILEIRA

José Marcos Froehlich
Nathalia Lima Pinto
Jeniffer Hübner

DOI 10.22533/at.ed.31219180218

CAPÍTULO 19 306

BOVINOCULTURA DE CORTE BRASILEIRA SEM O USO DE ANTIBIÓTICOS: CONSEQUÊNCIAS E ALTERNATIVAS

Cleverson Percio
Daniel Augusto Barreta
Edpool Rocha Silva
Claiton André Zotti

DOI 10.22533/at.ed.31219180219

SOBRE O ORGANIZADOR 322

CAPÍTULO 8

ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DOS ARTIGOS DE PESQUISADORES DA REDESIST

José Maria Cardoso Sacramento
Instituto Federal do Pará / Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Conceição do Araguaia - Pará

Glauco Schultz
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre – Rio Grande do Sul

RESUMO: Este artigo tem como principal objetivo identificar a atual agenda de pesquisa animada por pesquisadores brasileiros que compõem a Rede de Pesquisa em Sistemas e Arranjos Produtivos e Inovativos Locais e como atualmente a abordagem de APL tem sido tratada em seus trabalhos. Para isso, foi necessário realizar uma revisão sistemática em periódicos sobre os últimos artigos publicados que aplicam a abordagem dos APLs a casos empíricos, excluídos os trabalhos teóricos, centrando a apreciação nos objetivos dos mesmos, em suas características metodológicas, nos objetos de análise, na qualidade dos periódicos onde foram publicados, nos autores mais utilizados como referência e na aplicação da abordagem teórica sobre APL desenvolvida pela RedeSist. Verificou-se que de maneira geral os artigos analisados põem no centro das suas discussões sobre APL e ASPIL aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais, bem como a emergência de inovações e acesso a conhecimentos na relação entre os agentes.
PALAVRAS-CHAVE: APL; RedeSist; Revisão Sistemática.

ABSTRACT: This article has as main objective to identify the current animated research agenda by Brazilian researchers that make up the Research Network Systems and Innovative Productive Arrangements and Local and how currently APL approach was treated in his papers. For this it was necessary to conduct a systematic review in journals on the latest published articles that apply the approach of APLs the empirical cases, the theoretical work excluded, focusing assessment on the objectives thereof, in their methodological characteristics, the analysis of objects in quality of the journals where they were published, the authors used more as a reference and application of theoretical approach developed by APL RedeSist. It was found that in general the articles analyzed put at the center of their discussions of APL and ASPIL territorial agglomerations of economic agents, political and social, as well as the emergence of innovation and access to knowledge on the relationship between the agents.
KEYWORDS: APL; RedeSist; Systematic Review.

1 I INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas têm ganhado destaque na literatura econômica os estudos sobre a importância dos aspectos locais para o desenvolvimento econômico e social e a competitividade das empresas. Esse destaque, dentre outros efeitos, acabou por colocar as aglomerações de pequenas e médias empresas no centro do debate contemporâneo do planejamento territorial e da economia industrial, em detrimento de abordagens mais estruturalistas pós Segunda Guerra Mundial que têm como objeto de análise o desenvolvimento de sistemas produtivos nacionais baseados no regime de acumulação fordista.

Thorbecke (2006), ao estudar a evolução da doutrina do desenvolvimento, identificou que o desenvolvimento econômico e social em países que passaram a ser chamados de "terceiro mundo" (como é o caso do Brasil) não era um objetivo político dos governantes antes da Segunda Guerra Mundial. Para esse autor, o final dessa guerra marcou o início de um novo regime para os países menos desenvolvidos, implicando na evolução simbiótica para o crescimento voltado para dentro e numa relação de dependência um pouco mais independente de poderes externos. O período posterior à Segunda Guerra também sinalizou o começo de um sério interesse de estudar e compreender melhor o processo de mudanças correntes como base para a formulação de políticas e estratégias de desenvolvimento adequadas, dando origem a áreas de conhecimento como a economia do desenvolvimento.

A economia do desenvolvimento ganhou visibilidade acadêmica a partir de autores como Rosenstein Rodan, Nurkse, Rostow, Lewis, Myrdal e Hirschmann, entre outros. Na América Latina, o pensamento desenvolvimentista tem em Raúl Prebisch um dos principais estudiosos, por seu pensamento econômico considerado original, inaugurado com o livro *O desenvolvimento econômico da América Latina e seus principais problemas* (PREBISCH, 1949), mas que, na verdade, trata-se de uma versão regional da economia do desenvolvimento, também baseada na hegemonia keynesiana na época. Além de Raúl Prebisch, a CEPAL aglutinou autores como Celso Furtado, Aldo Ferrer, Noyola Vásquez, Osvaldo Sunkel, Aníbal Pinto, Fernando Henrique Cardoso, Wilson Cano, José Serra e outros pesquisadores da realidade latino-americana.

Segundo Belluzzo (2000), o período que sucedeu a Segunda Guerra Mundial foi marcado pelo crescimento acelerado das economias capitalistas, com forte apoio estatal regulando os mercados e a promoção do crescimento pela redução da influência dos condicionantes externos sobre as políticas econômicas domésticas e garantindo a segurança dos fracos diante das incertezas inerentes à lógica do mercado, tempo que ficou conhecido como "os trinta anos gloriosos". As chamadas políticas keynesianas então incentivaram o acesso à riqueza através do crédito dirigido à acumulação produtiva, visando manter o pleno emprego e elevando realmente a remuneração do trabalho, com a regulamentação financeira sendo norma em todos os países. Nesse

período o sistema de produção em massa torna-se hegemônico, primeiramente nos Estados Unidos, sendo depois exportado para parte do resto do mundo como sinônimo de eficiência industrial, modernidade e prosperidade econômica.

Esse Estado, com amplos compromissos sociais e num sistema monetário internacional estável, forneceu as bases necessárias para o regime de acumulação se desenvolver plenamente, chamado posteriormente de fordista, culminando no que os neo-schumpeterianos e os regulacionistas denominam de Quarta Onda Longa de Kondratieff, ou, como é mais usualmente chamada, a Era de Ouro. Essa época de prosperidade econômica e social se estendeu do pós-guerra até o início da década de 1970, na qual o sistema capitalista viveu um sucesso ainda não presenciado, com aumento do consumo, do investimento, da produtividade e do nível de salário nominal e real.

Esse foi o momento em que alguns países periféricos também se industrializaram (a exemplo do Brasil), desenvolvendo sistemas industriais que se constituíram como cópias em menores escalas dos sistemas industriais dos países centrais, caracterizados como grandes plantas produtivas, verticalmente integradas. Até meados da década de 70, o modelo de desenvolvimento urbano industrial brasileiro cresceu a taxas expressivas, baseado num modelo de desenvolvimento classificado na literatura como de substituição de importações. No final dos anos 70, os resultados desse "modelo" mostravam uma economia industrial razoavelmente diversificada, embora ainda distante da fronteira tecnológica em muitos segmentos, uma economia bastante protegida da concorrência internacional, fortemente regulamentada e com a pujante presença do Estado, seja como regulador e direcionador do investimento, seja como investidor direto.

Já na década de 70, tal "modelo" entrou em crise juntamente com as profundas mudanças do cenário internacional que se iniciaram no primeiro choque do petróleo em 1974 e se intensificaram em 1979 com um aumento significativo da taxa de juros internacional. A consequência desses acontecimentos resultou numa década de 1980 posteriormente denominada no Brasil de "década perdida", em que o país viveu um aprofundamento dos desequilíbrios macroeconômicos. De acordo com Fiori (1998), em poucos anos vieram abaixo os pilares em que se sustentara o sucesso do Estado keynesiano e desenvolvimentista. Chegava-se ao fim do ciclo mais extenso de desenvolvimento continuado do capitalismo e entrava em crise a economia mundial, empurrada por sucessivas desvalorizações cambiais e pela competição entre economias nacionais cada vez mais protegidas.

Como consequência, um novo paradigma se originou, caracterizado pela mudança que ficou conhecido como "toyotismo", em aglomerações de pequenas e médias empresas, baseadas numa forte institucionalidade intra-aglomerado e que combinaram com reformas que facilitaram o comércio internacional de mercadorias. Isso gerou uma nova dinâmica territorial do desenvolvimento com característica seletiva e provedora de desigualdades entre países e regiões a partir de uma lógica

global, associado ao capital financeiro, desenhando uma nova disposição da geografia produtiva por meio da reconfiguração da produção, integrando firmas horizontalmente, dando origem a novos espaços produtivos.

A partir desse momento, (res)surgiram algumas abordagens teóricas, focadas no entendimento dos "novos espaços produtivos", resgatando elementos já consagrados na literatura econômica, como a de Alfred Marshall, criando elementos novos, capazes de melhor se enquadrarem aos novos tempos, e condenando ao ostracismo aqueles condizentes com o tempo em que foram criados, portanto, pouco relevantes para o entendimento do mundo atual.

A partir de referências clássicas, como Marshall, e mesmo casos empíricos, pesquisadores empreenderam esforços na compreensão do fenômeno da aglomeração produtiva. Tais esforços resultaram na sistematização de conceitos e categorias para caracterizar aglomerações de empresas que estejam localizadas geograficamente próximas. Entre os conceitos que ilustram a diversidade, em termos de experiências, estão: distrito industrial, cluster, milieu inovativo, sistema de inovação, sistema e arranjo produtivo local, arranjo de sistemas produtivos locais inovativos, arranjos produtivos locais entre outros. Marshall, como já mencionado, foi o primeiro a defender a aglomeração de produtores em determinado território como fonte de obtenção de vantagens econômicas. Como causas para a concentração, o autor destacava a existência de condições naturais propícias a determinada atividade econômica, como a disponibilidade de insumos e matérias-primas, além da existência de demanda na região.

As diferentes terminologias atribuídas aos aglomerados espaciais expressam propriedades que, por suposto, explicam a dinâmica produtiva por diferentes abordagens econômicas. Por isso, enquanto alguns autores utilizam esses termos como sinônimos, outros os consideram conceitos distintos. Para Vial (2009, p. 109), o grupo no qual estão inseridos muitos pesquisadores que seguem a linha da economia industrial considera o termo APL como sinônimo de outros termos que definem aglomerados, uma vez que cada conceito associa determinado atributo de desempenho ao aglomerado de firmas, que cooperam e concorrem entre si.

De acordo com Costa (2010, p. 126), tentando criar uma alternativa para tal questão conceitual de aglomerados dentro dos debates travados no âmbito do Ministério da Ciência e Tecnologia no final da década de 1990, surge o termo APL como uma espécie de "guarda-chuva" capaz de abrigar uma ampla diversidade do fenômeno, porém com um elemento de coesão, algo presente em todos os conceitos e análises, com intuito de se constituir como um promissor instrumento de política econômica. Para esse autor, APL pode ser entendido como um grupo de agentes – "orquestrados" por um grau de institucionalização explícito ou implícito ao aglomerado – que buscam como finalidade harmonia, interação e cooperação, não esquecendo que esses elementos ocorrem num ambiente competitivo, no qual há sujeitos com distintos graus de poder e com projetos territoriais diversos e muitas vezes antagônicos.

Ou seja, o que diferenciaria APL de outros aglomerados é que essa abordagem teria como foco a existência de laços colaborativos entre as organizações que a compõem.

No Brasil, diversos autores adotam o conceito de APL, com notoriedade para o conceito seguido pela Rede de Pesquisa em Sistemas e Arranjos Produtivos Locais (RedeSist) coordenados pelos pesquisadores José Eduardo Cassiolato e Helena M. M. Lastres, do Instituto de Economia da UFRJ, que conta atualmente com 51 pesquisadores de todas as regiões do Brasil cadastrados, atuando em 18 estados e no Distrito Federal. Cassiolato & Lastres (2009) atribuem o aperfeiçoamento do conceito de APL a si próprios, bem como o conceito de Sistemas Produtivos e Inovativos Locais (SPIL). Esses conceitos, desenvolvidos por Cassiolato & Lastres, são os mesmos adotados pela RedeSist, que se diferenciam da definição apresentada pela economia industrial por apresentarem a vantagem de abordar processos econômicos atuais com menor dificuldade do que a corrente neoclássica, que trata tecnologia como sinônimo de informação, assim como por ampliarem a abordagem metodológica da economia industrial, onde ainda é dominante o uso de modelos para dar conta de um antigo padrão industrial (CASSIOLATO & LASTRES, 2006).

Segundo Cassiolato & Lastres (2006), a RedeSist desenvolveu uma abordagem analítica que combina as contribuições sobre a escola de desenvolvimento latino-americana com a visão neo-schumpeteriana de sistemas de inovação. A partir desses referenciais, a RedeSist propôs o conceito analítico de Arranjos de Sistemas Produtivos Inovativos Locais (ASPILs), que focalizam conjuntos específicos de atores e atividades econômicas.

Para os autores pertencentes à RedeSist, um APL se diferencia de um ASPIL, pois o primeiro designa os casos fragmentados e que não apresentam significativa articulação entre os atores, não podendo, portanto, ser caracterizado como sistema. Quanto ao ASPIL, é importante considerar diferentes contextos, sistemas cognitivos e regulatórios e modos de articulação dos atores econômicos, políticos e sociais localizados no mesmo território, tendo como foco o conjunto específico de atividades econômicas que apresentam interação, cooperação e aprendizagem, as quais são tidas como fundamentais para a geração e mobilização de capacitações produtivas e inovativas.

Assim, a abordagem do ASPIL se diferencia de outros aglomerados, como distrito industrial, cluster, milieu inovativo, entre outros, por reconhecer que a o dinamismo e da competitividade das empresas está associada a capacidades existentes ao longo de uma cadeia de produção e comercialização, além do envolvimento em atividades e organizações responsáveis pela assimilação, uso e disseminação de conhecimentos e capacitações, bem como as particularidades dos atores sociais, políticos e dos ambientes onde se inserem.

Desse modo, diante da relevância atribuída aos aglomerados e a associação deles às discussões atuais sobre desenvolvimento territorial, em especial as aglomerações classificadas como APL/ASPIL, este trabalho procura analisar como os conceitos de

APL e ASPIL estão sendo tratados em artigos aplicados de pesquisadores vinculados à RedeSist, tal qual verificar o "caminho" metodológico percorrido pelos autores que compõem a rede, além de outros elementos descritos com mais detalhes no seguinte tópico de metodologia.

2 I METODOLOGIA

Este trabalho partiu das referências metodológicas de análise para dados secundários nomeadas de revisão sistemática de literatura que, segundo Sampaio & Mancini (2007), é uma forma de pesquisa que utiliza como fonte de dados a literatura existente sobre determinado tema. Já para Galvão et al. (2004) a revisão sistemática é um recurso importante da prática baseada em evidências, que consiste em uma forma de síntese dos resultados de pesquisas relacionados com um problema específico, ou seja, um método de investigação científica para busca e análise de artigos de uma determinada área da ciência, procurando uma espécie de síntese sobre um assunto de relevância.

Apesar de ser principalmente adotado por trabalhos de profissionais da área de saúde, isso não impede que o recurso seja utilizado como referência para revisões que tenham como objetivo identificar, avaliar e interpretar quaisquer pesquisas disponíveis e relevantes, independentemente da área temática ou fenômeno de interesse. Sendo assim, por considerar a importância atribuída atualmente aos APL/ASPIL que passaram a ser objeto da atenção de inúmeras instituições de planejamento, pesquisa e fomento, tanto nacionais quanto internacionais, esse artigo se inspirou na ferramenta metodológica da revisão sistemática de literatura para pesquisar quais são os principais objetos de análise, objetivos, metodologias, qualidade e autores de referência dos artigos que tratam de APL no Brasil. Bem como identificar como os conceitos de APL/ASPIL estão sendo mobilizados para tratar deste tipo de aglomerado.

De acordo com Sampaio & Mancini (2007), o desenvolvimento de uma revisão sistemática da literatura é composto por etapas que se iniciam pela (a) definição de pergunta de pesquisa que, conforme os autores, deve ser bem formulada e clara. Essa ideia de pergunta orientadora de pesquisa está também presente em outros manuais e bibliografias que tratam de metodologias de pesquisas científicas, entre eles o de Quivy (1998), que considera que a melhor forma de começar um trabalho de pesquisa (investigação) em ciências sociais consiste no esforço para (anunciar) expressar/apresentar o projeto sob a forma de uma pergunta de partida. Assim, o desenvolvimento deste artigo buscou se orientar pelas seguintes questões: Quais são os principais objetos de análise, objetivos, metodologias e autores de referência adotados em pesquisas aplicadas de pesquisadores filiados a RedeSist? Como os conceitos e definições associados às abordagens teóricas de APL/ASPIL desenvolvidos pela RedeSist foram mobilizados nos artigos? E qual a qualidade dos artigos aplicados

produzidos pela rede?

Para responder essas perguntas, recorreu-se à etapa seguinte proposta pelo método de revisão sistemática, que consiste em (b) “buscar as evidências”, ou seja, a busca em base de dados que é importante no processo de realização de uma revisão sistemática, considerando que explorações eficientes elevam ao máximo a probabilidade de se descobrir artigos relevantes em um tempo reduzido (SAMPAIO & MANCINI, 2007). Esses autores observam que a busca da evidência se inicia com a definição de termos ou palavras-chave, seguida das estratégias de busca e pela definição das bases de dados eletrônicas combinadas ou não com outras fontes. No entanto, esta pesquisa não seguiu esse requisito, uma vez que não tem por finalidade realizar uma revisão sistemática ou metanálise sobre procedimentos, protocolos, ensaios ou intervenções clínicas e sim revisar as características de artigos de pesquisas aplicadas de uma rede de pesquisadores que adotam a abordagem teórica de APL em seus trabalhos. Assim, a estratégia da busca de artigos foi adaptada aos objetivos da pesquisa e se concentrou em: (1) identificar o grupo de pesquisadores que compõem a rede de pesquisa, por meio de procura pelas informações disponíveis na página eletrônica do grupo na internet; (2) em seguida, realizou-se uma busca nos currículos dos pesquisadores disponíveis na Plataforma Lattes (CNPq), para listar todas as referências bibliográficas dos artigos aplicados sobre APL/ASPIL publicados de 1997 até maio de 2015. Com a lista em mãos, (3) realizou-se uma busca em sites de procura e em bases eletrônicas de dados a partir das referências, visando adquiri-los por completo para comporem o banco de artigos a analisar.

A estratégia ou metodologia proposta, que consiste em analisar todos os artigos publicados de 1997 até maio de 2015 disponíveis em bases eletrônicas na internet, infelizmente apresenta como inconveniente o fato da maioria dos artigos publicados sobre APL/ASPIL pelo grupo de pesquisa não estarem disponíveis em bancos de dados acessíveis pela internet. Dos 372 artigos publicados pelos membros do grupo de pesquisa (nem todos sobre APL/ASPIL), apenas foi possível encontrar 28 artigos disponíveis pela internet sobre o tema investigado. Tal lacuna presume que as análises realizadas neste trabalho não podem ser conclusivas quanto às características dos artigos da RedeSist, uma vez que os trabalhos analisados representam apenas uma pequena parte de uma totalidade de artigos. No entanto, ainda assim, são consideradas de grande relevância as conclusões possíveis de serem elaboradas a partir dos trabalhos da RedeSist disponíveis na internet, desde que adotada cautela quanto à representatividade dos resultados.

O passo seguinte proposto por Sampaio & Mancini (2007) consiste em revisar e selecionar os artigos, o que deve ser feito, segundo os autores, durante a seleção dos estudos, avaliando os títulos e resumos identificados na busca inicial de forma independente e cega, obedecendo rigorosamente aos critérios de inclusão e exclusão definidos no protocolo de pesquisa. Os autores recomendam que, quando os títulos e resumos não forem esclarecedores, deve-se buscar o artigo na íntegra, para evitar o

risco de deixar estudos importantes fora da revisão sistemática.

Selecionados os artigos a partir do seu conteúdo, analisou-se os objetos de pesquisa presentes em cada um dos artigos, os objetivos gerais propostos, as metodologias adotadas e como os conceitos e definições associados às abordagens teóricas de APL/ASPIL desenvolvidas pela RedeSist foram mobilizados nos artigos. Paralelamente tabulou-se todas as referências bibliográficas de todos os artigos analisados, contabilizando as vezes se repetiam para discriminar quais autores foram mais adotados como referência.

Por fim, procurou-se atribuir uma avaliação média dos artigos através da classificação da qualidade mantida pela CAPES, que enquadra os *papers* brasileiros em estratos indicativos da qualidade, que variam de A1, o mais elevado, A2, B1, B2, B3, B4, B5 até C, que tem peso zero, ou seja, 8 notas. Como a avaliação dos artigos não é atribuída em valores numéricos pela CAPES, para a realização de uma análise estatística descritiva das avaliações dos artigos transformou-se as notas em valores numéricos que variam de sete, o mais elevado, que equivale a artigo A1, a zero, que equivale a C.

A análise dos artigos se orientou pelas perguntas de pesquisa, adotando predominantemente um caráter mais qualitativo, visando descrever e decodificar os componentes dos sistemas de significados que compõem a totalidade dos artigos selecionados. O objetivo principal da análise dos artigos foi responder as perguntas de pesquisa, assim como apresentar interpretação sobre os trabalhos desenvolvidos pela RedeSist. Além dos métodos qualitativos, o trabalho também não excluiu a tabulação de dados dos trabalhos de caráter quantitativo, que, quando necessário, foram submetidos a análises estatísticas e seguidos de inferências.

3 I RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para os pesquisadores que compõem a RedeSist a definição de APL e ASPIL tem como principal importância delimitar e ao mesmo tempo diferenciar as características estudadas por quem adota essa abordagem teórica das demais tratadas por pesquisadores que fazem uso de outras abordagens sobre aglomerados produtivos. Para ilustrar as distinções entre o conceito de APL/ASPIL e outros conceitos de aglomerados, apresenta-se o quadro abaixo com definições presentes no glossário desenvolvido pela própria RedeSist, que possibilita apontar tais diferenças.

Tipologia	Definição
APL	São aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais – com foco em um conjunto específico de atividades econômicas – que apresentam vínculos mesmo que incipientes.
ASPIL	Reconhece que a base do dinamismo e da competitividade das empresas está associada a capacidades existentes ao longo de uma cadeia de produção e comercialização, além de envolver uma série de atividades e organizações responsáveis pela **assimilação, uso e disseminação de conhecimentos e capacitações, bem como reflete as particularidades dos demais atores sociais, políticos e dos ambientes onde se inserem**.
Cluster	Refere-se à aglomeração territorial de empresas, com características similares; em algumas concepções enfatiza-se mais o **aspecto da concorrência**, do que o da cooperação, como fator de dinamismo.
Distrito industrial	Refere-se a aglomerações de empresas com elevado grau de **especialização** e interdependência, seja de caráter horizontal (entre empresas de um mesmo segmento, ou seja, que realizam atividades similares) ou vertical (entre empresas que desenvolvem atividades complementares em diferentes estágios da cadeia produtiva).
Milieu inovador	O foco é no **ambiente social** que favorece a inovação, e não em atividades produtivas.
Polos, parques científicos e tecnológicos	Referem-se predominantemente a aglomerações de empresas de **base tecnológica articuladas a universidades e centros de pesquisa e desenvolvimento (P&D).**
Rede de empresas	Refere-se a formatos organizacionais, definidos a partir de um conjunto de articulações entre empresas, que podem estar presentes em quaisquer dos aglomerados produtivos mencionados.

Quadro 1**:** Definição de tipos distintos de aglomerados pela RedeSist.

Fonte: Glossário RedeSist, 2003.

O quadro acima, de forma simplificada, apresenta em negrito as características que melhor definem alguns dos aglomerados produtivos que surgem posteriormente à abordagem tratada por Marshall. Apesar de algumas divergências, as diferentes abordagens teóricas convergem ao serem considerados alguns aspectos essenciais que atribuem vantagens competitivas às firmas: (1) quase todas as definições ou ideias resgatam a importância da diversidade dos formatos institucionais que refletem a dimensão localizada do aprendizado tecnológico; (2) atribuem importância crescente às aglomerações produtivas locais enquanto elemento importante na competitividade econômica; e (3) valorizam o dinamismo que leva a inovações nas firmas.

O glossário elaborado pela RedeSist, além das conceituações sobre diferentes aglomerados produtivos, apresenta também algumas dimensões que caracterizam com mais precisão os APL/ASPIL, tais como dimensão territorial, diversidade de atividades e atores, conhecimento tácito, inovação e aprendizado interativos, governança e grau de enraizamento. A partir de tais dimensões, neste trabalho foram construídas referências que permitissem analisar como os conceitos e definições associados às abordagens teóricas de APL/ASPIL desenvolvidas pela RedeSist foram mobilizados nos

artigos analisados, verificando a existência ou não de rigor na diferenciação de outras abordagens sobre aglomerados. As referências desenvolvidas nada mais são do que ideias associadas ao conceito de APL/ASPIL, cuja presença nos artigos e relevância que provocaram para a discussão sobre APL foram verificadas. Assim, definiu-se como referências ou temas explorados no trabalho: (a) o aprendizado interativo como fonte de construção de conhecimentos; (b) a presença de diversidade de atividades e atores econômicos, políticos e sociais; (c) a caracterização e a descrição das interações; (d) a dimensão territorial como recorte específico de análise; e (e) a descrição da construção de vínculos formais e informais entre os que compõem o aglomerado.

Com base nos trabalhos de Teixeira et al. (2006 e 2007), Amaral Filho(2011), Brito (2010), Cassiolato & Lastres (2008), Geremia (2014), Ferreira Júnior (2006), Hansen (2011), Cavalcanti Filho (2006), Vargas (1998), Tatsch (2012), Apolinário (2009) e Veloso Filho (2012 e 2011) foi possível encontrar pontos comuns presentes na maioria dos artigos, principalmente quanto ao exercício de atividades de atores econômicos, políticos e sociais nos aglomerados, onde foram evidenciadas externalidades que geram vantagens competitivas para as empresas que os compõem. Para ilustrar algumas dessas vantagens, Teixeira et al. (2006), ao estudar as relações sobre o conjunto de agricultores familiares com irrigação localizado no Vale do Forquilha em Quixeramobim/CE, afirma que

> [...] ação conjunta à Prefeitura, que viabilizou todo o aporte necessário, os produtores destacam a participação conjunta em feiras e exposições na cidade de Fortaleza (FRUTAL e a Irriga Ceará), bem como nas visitas realizadas aos Municípios de Brejo Santo, Guaraciaba do Norte, Aracati, São Benedito, todos localizados no Estado do Ceará, bem como a visita a Petrolina, em Pernambuco (TEIXEIRA, 2006, p. 586).

Extrai-se dessa citação um exemplo em que um aglomerado composto por atores, como a prefeitura e a organização de produtores, entre outros, estimulou a interação, o estabelecimento de laços de cooperação horizontal, criando oportunidades de aprendizado para os produtores, por exemplo, a participação em feiras e exposições. Mesmo não sendo nenhuma surpresa observar a presença de efeitos positivos emergentes de aglomerados produtivos, o que há de distinto na maioria dos artigos nesta revisão é o foco dado à correlação entre aglomerado e aprendizado dos agentes, sendo um tema central abordado, o que confirma que trabalhos de APL/ASPIL dão mais ênfase a esse aspecto.

Mesmo verificando a constante presença da discussão que associam aprendizado e agentes que compõem os aglomerados, ainda foi possível constatar em alguns artigos de autores vinculados à RedeSist o aprendizado sendo tratado com pouca profundidade e relevância, apenas como pano de fundo para outras discussões. Alguns autores, como Costa (2010) e Silva (2009), preferem utilizar a abordagem teórica da rede para pesquisar os resultados de políticas para a promoção de APL, considerando mais relevante destacar a existência de constrangimentos externos

e internos aos aglomerados, a formação e consolidação de estímulos produtivos e tecnológicos desses arranjos, o estágio de desenvolvimento dos mesmos e seus impactos sobre a dinâmica regional e setorial. Outros, como Borin (2008), preferem tangenciar a discussão sobre aprendizado em inovação para enfatizar a gestão e o papel de um ator específico em aglomerados. E há aqueles que escolhem pesquisar ações desencadeadas pelas instituições locais junto ao APL, como Faria (2010).

Esses casos ilustram a amplitude do instrumental analítico e metodológico da abordagem da RedeSist, utilizado para captar características distintas de APL/ASPIL. Mesmo encontrando uma diversidade de abordagens entre os artigos utilizados nesta revisão, as análises que destacam o papel central da inovação e do aprendizado interativo como fatores de competitividade predominaram, confirmando a proposta da APL/ASPIL.

Outra característica de muitos artigos da RedeSist em pesquisa aplicada é a adoção de metodologia quantitativa centrada na análise estatística. Dados coletados a partir de questionários específicos (disponíveis no site da rede) aplicados a empresas visam gerar indicadores utilizados em análise fatorial, para identificar os fatores subjacentes, agrupando os indicadores segundo as características relevantes do comportamento das empresas. Os trabalhos que adotam essa metodologia, apesar de não detalharem a história de construção das relações entre os indivíduos e as organizações, atribuem relevância aos processos de aprendizado e desempenho inovativo a partir de informações fornecidas pelas empresas, centrando seus resultados na identificação das formas de aprendizado para posteriores comparações e correlações.

Como exemplo de resultado de pesquisas que utilizam a metodologia quantitativa pode ser citado o artigo de Cassiolato et al. (2008), que apresentou em seu artigo indicadores elaborados a partir da aplicação de questionário a 415 micros e pequenas empresas de confecções localizadas em aglomerações produtivas situadas em 8 estados de 4 regiões do Brasil. Esses indicadores procuram transformar atributos qualitativos, tais como a importância atribuída pela empresa a determinado evento, em quantitativos, encontrando um valor entre 0 e 1 que expresse a opinião da empresa sobre cada evento, contribuindo para o debate acerca da significância de dimensões que compõem o conceito de APL/ASPIL.

Todos os artigos da RedeSist utilizados nesta revisão destacam de formas distintas a importância do recorte territorial na abordagem de APL/ASPIL. Enquanto alguns autores ressaltam a interação entre elementos ambientais e históricos (AMARAL FILHO, 2011) ou a necessidade de intervenção em infraestruturas, conhecimentos, capacidades locais de organização e recursos financeiros (BORIN, 2008), outros, como Costa (2010), desenvolvem discussões que associam a abordagem de APL com o desenvolvimento local, realçando as influências da macro e microrrealidades que influenciam o território. Já Geremia e Matos (2014) alegam que o recorte territorial permite analisar a interação direta entre agentes que compartilham códigos comuns de comunicação, de convenções e normas, bem como facilitar a observação da presença

de laços de confiança mútua, o compartilhamento e socialização de conhecimentos por parte de empresas, organizações e indivíduos. Essas citações são apenas amostras que ilustram a marcante presença de discussões que adotam o recorte territorial em pesquisas sobre APL/ASPIL em detrimento de outros, por exemplo, de setores das atividades econômicas (agricultura, indústria, comércio, serviços).

A dimensão territorial, na abordagem dos APL/ASPIL, é definida pela RedeSist como o espaço onde processos produtivos, inovativos e cooperativos têm lugar, tais como: município ou áreas de um município; conjunto de municípios; microrregião; conjunto de microrregiões, entre outros (CASSIOLATO et al., 2003). Essa perspectiva da RedeSist de território assemelha-se muito ao conceito geográfico de região, podendo até mesmo ser tratado como sinônimo muitas vezes. Apesar da definição de Cassiolato & Lastres (2003) destacar, entre outros elementos, os valores sociais e culturais existentes em aglomerados, nos artigos utilizados para elaboração desta revisão sistemática verificou-se que o enraizamento (*embeddeness*) cultural não é tão bem explorado na relação entre os indivíduos, tornando o território apenas como a delimitação do espaço físico ocupado pelas organizações, que são os principais objetos de estudo.

Considerando que a análise dos títulos dos trabalhos pesquisados pode revelar pistas quanto ao objeto de pesquisa, é possível concluir que, dos 28 artigos desta revisão, todos apontam como objeto de estudo (1) a influência de políticas públicas ou privadas externas aos aglomerados sobre os APL/ASPL e/ou (2) a trajetória de constituição das relações interorganizacionais e vantagens decorrentes em aglomerados. No que diz respeito ao setor produtivo, priorizado como objetos de pesquisa, mais da metade (56%) tratam arranjos pondo a indústria como centro das discussões, 29%, a agricultura e 15%, os serviços, o que reflete certa especialização de trabalhos no setor industrial como característica da RedeSist. Quanto ao porte (pequenos, médios, grandes ou combinação) dos empreendimentos econômicos, os artigos não permitem definir um perfil quanto a essas características, muito embora Cassiolato (2008) e Amaral Filho (2006), entre outros, ressaltem em seus artigos a importância das micro, pequenas e médias empresas.

Como o recorte deste trabalho foram pesquisas aplicadas, muitos trabalhos apresentam como objetivo descrever a estrutura produtiva e a estratégia de comercialização (TEIXEIRA, 2006), ou identificar a forma de interação entre universidades, empresas e governo observada nos diferentes aglomerados (BORIN, 2008), ou ainda investigar o perfil da aglomeração, destacando os principais agentes, sua formação e desenvolvimento, os tipos de relações, interações e vínculos existentes entre as empresas e demais atores (FERREIRA JÚNIOR, 2006), entre outros exemplos que exigem metodologias adequadas para esses fins. Autores que adotaram como objetivo “descrever”, “identificar formas de interação”, “identificar tipos de relação” têm como característica metodológica a realização de pesquisas descritivas e explicativas, buscando informações em pesquisas de campo com coleta de dados junto a empresas

e complementadas com pesquisas bibliográfica e/ou documental.

Quanto aos autores de referência mais utilizados pelos artigos da rede se sobressaem Cassiolato & Lastres, conforme a tabela abaixo. A tabela foi elaborada a partir da contagem em todos os artigos analisados, contabilizando quantas vezes os mesmos se repetiam, para discriminar quais são os mais utilizados como referência pelos seus respectivos autores.

Autores	Título da referência	Ano	Vezes citadas
CASSIOLATO, J. E. e LASTRES, H. M. M.	O foco em Arranjos Produtivos e Inovativos Locais de Micros e Pequenas Empresas.	2003	9
ALBAGLI, S. e BRITO, J.	Glossário de arranjos produtivos locais.	2003	5
REDESIST	Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais.	2015	5
CASSIOLATO, J. E. e SZAPIRO, M.	Uma caracterização de Arranjos Produtivos Locais de Micro e Pequenas Empresas.	2003	4
LEMOS, Cristina, et al.	Promoção de arranjos produtivos locais: iniciativas em nível federal.	2004	4
CAMPOS, R. et al.	Aprendizagem por interação: pequenas empresas em sistemas produtivos e inovativos locais.	2003	3
CAMPOS, R. R. e NICOLAU, J. A.	Questionário e procedimentos para trabalho de campo da pesquisa de micro e pequenas empresas em arranjos produtivos locais.	2005	3
CASSIOLATO, J. E. e LASTRES, H. M. M.	Glossário de arranjos e sistemas produtivos e inovativos locais.	2005	3
CASSIOLATO, J. E. e LASTRES, H. M. M.	Inovação, globalização e as novas políticas de desenvolvimento industrial e tecnológico.	1998	3
COOKE, P. e MORGAN, K.	The associational economy: firms, regions, and innovation.	2003	3
CROCCO, M. A.	Metodologia de identificação de arranjos produtivos locais potenciais: uma nota técnica.	2003	3
LASTRES, H. M. M. et al.	Interagir para competir: promoção de arranjos produtivos e inovativos no Brasil.	1998	3
LUNDVALL, B.	National Systems of Innovation. Towards a Theory of Innovation and Interactive Learning.	1992	3
MARSHALL, A.	Princípios de economia.	1881	3
PUTNAM, R. D.	Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna.	1970	3
SCHMITZ, H. e MUSYCK, B.	Industrial Districts in Europe: Policy Lessons for Developing Countries?	1994	3
SUZIGAN, W.	Identificação, mapeamento e caracterização estrutural de arranjos produtivos locais no Brasil.	2006	3
VOLKER P. e CAPORALI, R.	Metodologia de desenvolvimento de arranjos produtivos locais: Projeto Promos – SEBRAE – BID	2004	3
CASSIOLATO, J. E. e SZAPIRO, M.	Arranjos e sistemas produtivos e inovativos locais no Brasil	2002	3

Tabela 1. Bibliografias mais citadas entre os artigos revisados.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Observa-se que, das 20 bibliografias mais citadas entre os artigos pesquisados, quatro são de autoria de Cassiolato, J. E. e Lastres, H. M. M., incluindo a bibliografia

mais citada, acentuando a referência dos autores que também são os atuais coordenadores da RedeSist. Outra conclusão pertinente é o auto grau de "endogenia" entre as citações: dos 20 artigos mais citados, metade têm como autoria ou co-autoria pesquisadores vinculados à própria RedeSist, o que representa um certo estreitamento teórico em suas análises.

Como apresentado na introdução deste trabalho, a abordagem de APL/ASPIL deriva de contribuições da escola de desenvolvimento latino-americana e neo-schumpeteriana de sistemas de inovação. No entanto, autores que tratam desses temas não predominam entre os mais citados (Tabela 1), o que indica pouca vinculação teórica dos artigos. Talvez essa lacuna teórica possa ser justificada pela existência de certo desencaixe entre as críticas apontadas pelas abordagens de aglomerados e as críticas estruturais desenvolvimentistas. O pensamento estruturalista da Escola de Desenvolvimento Latino-Americano da CEPAL, nas décadas de 60 e 70 o desenvolvimento, não tem caráter centralmente regional e sim nacional, tendo o Estado como centro de decisão válida que subordinaria os interesses individuais e regionais aos interesses coletivos nacionais. As limitações ao desenvolvimento seriam impostas aos países (ou regiões) pelo caráter da divisão internacional do trabalho existente, sustentada por uma estrutura sócio-econômica que tende a se perpetuar em função de elementos de caráter institucional pré-existentes.

Assim, em que pese a apresentação de experiências promissoras das aglomerações produtivas no Brasil pelos autores dos artigos desta revisão, para o pensamento da Escola de desenvolvimento Latino-Americano os sujeitos endógenos das referidas aglomerações teriam pouca capacidade de conduzir localidades para um salto em direção à construção de um ASPIL. Em virtude disto, a consolidação de uma APL dependeria muito mais de um quadro mais amplo de intervenção do Estado, ao planejar o desenvolvimento dessas regiões, dotando-as de capital humano qualificado, institutos de pesquisas e universidades, infraestruturas econômica e social, do que vantagens competitivas emergentes de aglomerados. Esse tipo de conclusão é ausente nos artigos revisados, que apresentam como tendência estudar os casos bem sucedidos, deixando em aberto agenda para estudo dos casos mal sucedidos.

Por fim, analisando a tabela 1 também é possível perceber a pouquíssima presença de autores considerados como "clássicos da economia". O único autor que pode ser considerado clássico e que aparece entre as referências mais citadas é Marshall, em apenas 3 dos 28 artigos analisados. Além de Marshall, nenhum autor clássico da economia está presente entre as referências e apenas Wilson Cano, com duas citações de duas obras suas, e Celso Furtado, com três citações de três obras suas, aparecem entre autores que se enquadram como autores latino-americanos do desenvolvimento.

Autores	Nº de citações
CASSIOLATO	30
LASTRES, H.	22
SUZIGAN, W.	16
SEBRAE	13
SCHMITZ, H.	13
CAMPOS, R. R.	13
BRITTO, J.	13
COSTA, F. de A.	10
AMARAL FILHO, J. do	9
REDESIST	8
LEMOS, C.	7

Tabela 2. Quantidade de citações como primeiro autor dos artigos da revisão.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Da tabela 2 é possível ter uma noção mais ampliada da "endogenia" dos trabalhos desenvolvidos pela RedeSist, onde os coordenadores aparecem em 55 citações como primeiros autores em 28 artigos e 6 dos 10 autores mais citados têm relação com a RedeSist. As exceções são os autores Renato Ramos Campos, economista e professor da UFSC, seu orientador no doutorado, Wilson Suzigan, professor da UNICAMP (segundo seus currículos, ambos atuam na área da economia industrial), e o Prof. Hubert Schmitz, do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da University of Sussex, em Londres, sendo que os títulos das obras citadas desse autor tratam predominantemente de competição e cooperação em aglomerados. Chama a atenção estar entre os autores mais citados o SEBRAE, o que reforça a desvinculação teórica de alguns artigos analisados, uma vez que essa instituição não é um órgão de pesquisa.

Para avaliar a qualidade dos artigos a partir da análise estatística descritiva das avaliações, as notas atribuídas às revistas publicadas foram transformadas em valores numéricos que variam de sete, o mais elevado, que equivale a artigo A1, a zero, que equivale à menor avaliação C, conforme mostram as tabelas 3.

Pesquisadores	Qualidade	Quantidades	Soma
Jair do Amaral Filho	A2, B2 e B1.	3	15
Elaine Cavalcante Peixoto Borin	B1	1	5
Jorge Britto	B1	1	5
Cassiolato	B1	1	5
Francisco de Assis Costa	B1 e B3	2	8
Alexandre Magno de Melo Faria	B1	1	5
Hamilton de Moura Ferreira Júnior	B4	1	2
D. L. Hansen	B2	1	4
Moutinho	B1	1	5
Lustosa	B3 e B1	2	8
Marco Antonio Vargas	B4	1	2
Marisa dos Reis Botelho	B1	1	5
Paulo F. M. Bezerra Cavalcanti	B3, B1 e B3	3	11

Castro	B3	1	3
Stallivieri	B5	1	1
Ana Lúcia Tatsch	B2, B2 e B1	3	13
Valdenia	B3	1	3
Veloso Filho	B3 e B3	2	6
	Total	27	106
		Média Arredondada	4,0

Tabela 3. Transformação das notas dos artigos em valores numéricos.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Conforme as tabelas 3 acima, concluiu-se que a nota média das revistas onde os 28 artigos foram publicados equivale a 4, ou seja, equivalente à nota B2 ao transformar esse valor em nota atribuída pela Capes. Essa nota é atribuída a revistas de média qualidade, podendo-se ponderar que na área interdisciplinar o artigo não é tão bem avaliado por demais pesquisadores brasileiros. Apesar dessa média, a moda aponta para uma avaliação com valor cinco, equivalente às revistas B1, concluindo-se disso que apesar da média ter apontado uma qualidade inferior, a maioria dos artigos pode ser considerada de boa qualidade, porém não de excelência. Constatou-se que as qualidades dos artigos variam de 6 (A2) a 1 (B5), isto é, nesta revisão, existem artigos considerados excelentes, assim como artigos de baixa qualidade.

4 I CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é a pretensão deste trabalho tirar conclusões definitivas sobre os artigos da RedeSist, mesmo porque os trabalhos aqui analisados são apenas uma parte das pesquisas aplicadas e certamente existem outros publicados em livros e periódicos que, devido ao critério de busca adotado, não foram acessados. O que se buscou com esta pesquisa foi prioritariamente analisar como os conceitos de APL e ASPIL estavam sendo tratados em artigos aplicados de pesquisadores vinculados à RedeSist, assim como verificar o "caminho" metodológico percorrido pelos autores que compõem a rede.

Verificou-se que de maneira geral os artigos analisados põem no centro das suas discussões sobre APL e ASPIL aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais, bem como a emergência de inovações e acesso a conhecimentos na relação entre os agentes. Como se tentou demonstrar, este foco na análise de aglomerados distingue os trabalhos da RedeSist de outros. No entanto, acredita-se que se trata de uma abordagem que ainda precisa ser submetida ao crivo da experimentação, da avaliação mais criteriosa e, sobretudo, do decurso do tempo para concluir sobre seu nível de relevância.

Verificou-se que a metodologia da RedeSist dá preferência para a análise fatorial de indicadores construídos a partir de dados coletados junto a empresas, sendo que

o enraizamento cultural não é tão bem explorado na relação entre os indivíduos que formam o território. Os artigos não respondem com profundidade perguntas do tipo: Como as relações dos agentes se constituíram? Ou qual a importância do capital social e da identidade no território?

Pode ser visto também como uma das principais forças e méritos dessa abordagem o fato de não restringir as discussões sobre aglomerados a aspectos ligados a vantagens comparativas entre diferentes regiões e apontar como vantagem competitiva conhecimentos e inovações difíceis de replicar em outros lugares. No entanto, mesmo com pontos fortes, foi possível perceber que a abordagem teórica não fornece uma proposta epistemológica para analisar a economia de forma mais ampla.

REFERÊNCIAS

Belluzzo, L.G. Imperialismo e Cosmopolitismo. In: Lucas, F.; Belluzzo, L. G. M. (org.). **A Guerra do Brasil**. A Reconquista do Estado Brasileiro. Texto Novo Editora. São Paulo. 2000.

Cassiolato, J. E. e Lastres, H. M. M. **Estratégia para o desenvolvimento**: Um enfoque sobre Arranjos Produtivos Locais do Norte e Nordeste e Centro-Oeste brasileiro. Editora e-papers. Rio de Janeiro, 2006.

Costa, J. M. Arranjos **Produtivos Locais, Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional**. Mais Gráfica Editora. Brasília-DF, 2010.

Galvão CM, Sawada NO, Trevizan MA. Revisão sistemática: recurso que proporciona a incorporação das evidências na prática da enfermagem. **Rev Latino-am Enfermagem.** São Paulo, 2004 maio-junho; 12(3):549-56.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. A pergunta de partida (1ª Etapa). In: QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. 2. ed. Lisboa (Portugal): Gradiva, 1998. p.13-28.

Silva, A. L. G. Políticas de apoio a Arranjos Produtivos Locais no Estado de São Paulo. In: **Boletim NEIT** – Número 13 – Abril/Maio 2009

Sampaio, R. F.; Mancini, M. C. ESTUDOS DE REVISÃO SISTEMÁTICA: UM GUIA PARA SÍNTESE CRITERIOSA DA EVIDÊNCIA CIENTÍFICA. In: **Revista Brasileira de Fisioterapia.** São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007

Prebisch, R. O desenvolvimento econômico da América Latina e seus principais problemas. In: **Revista Brasileira de Economia.** v. 3, n. 3, 1949.

Thorbecke, Erik. The Evolution of the Development Doctrine, 1950-2005. Research Paper No. 2006/155. UNU-WIDER, Helsink. Disponível em <http://www.wider.unu.edu/publications/working-papers/research-papers/2006/en_GB/rp2006-155/>

SOBRE O ORGANIZADOR

Leonardo Tullio - Engenheiro Agrônomo (Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais- CESCAGE/2009), Mestre em Agricultura Conservacionista – Manejo Conservacionista dos Recursos Naturais (Instituto Agronômico do Paraná – IAPAR/2016). Atualmente, doutorando em Ciências do Solo pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, é professor colaborador do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, também é professor efetivo do Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais – CESCAGE. Tem experiência na área de Agronomia. E-mail para contato: leonardo.tullio@outlook.com

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-131-2